

As possibilidades do ensino p. 4

Somos todos ouvidos p. 6

Tardes de debate e reflexão p. 8

Aprender para ensinar p. 12

O prazer do esforço

A XIII Olimpíada Sabin celebra
a boa competição e a integração
entre os alunos. p. 10



Ilustração por
Leonardo Fernandes
de Oliveira, 4º ano F

À frente de um trabalho coletivo

Na carreira de um diretor escolar, é sempre gratificante quando dados objetivos em relação ao desempenho de nossos alunos – como o número de aprovações em vestibulares, os resultados no Enem ou as certificações de proficiência em idiomas – nos dão razões concretas pelas quais nos orgulhamos. No dia a dia do diretor, porém, momentos em que contamos com tais dados não são tão frequentes, nem seriam os principais indicadores de um trabalho bem-sucedido.

Como diretora pedagógica do Sabin, uma de minhas maiores responsabilidades é assegurar que a equipe, alunos e famílias compreendam a filosofia da instituição, o que entendemos por um ensino de qualidade e por formação global do indivíduo, e os valores fundamentais sobre os quais baseamos nossas ações. É meu papel, na condução de um projeto pedagógico para o qual absolutamente todos da escola contribuem, trabalhar para que todos percebam com clareza os rumos tomados, para que avancemos juntos.

Parte do trabalho do diretor diz respeito a observar e sentir se essa percepção é compartilhada por todos. E diz respeito, também, a comunicar. Em ambos os casos, é preciso contar com ajuda. Para observar e “sentir o Colégio”, não bastam reuniões a portas fechadas, é preciso contar com os olhos e com a sensibilidade dos coordenadores, orientadores, professores, estagiários, funcionários do pátio, da cantina, da portaria, de pais, de alunos e de parceiros. Da mesma forma, para comunicar é preciso aproveitar os diversos canais pelos quais o Colégio dialoga com a comunidade.

Tome-se esta edição do **MAIS**, que me parece bastante rica nas mensagens que tem a compartilhar com o leitor. Temos aqui uma matéria que mostra como vêm sendo introduzidas novas tecnologias no Ensino Fundamental I, que exemplifica a nossa preocupação em estarmos atentos a inovações e às possibilidades pedagógicas que se abrem para o educador (ao mesmo tempo em que mantemos o compromisso com os valores fundamentais do nosso Colégio). Temos outra que ressalta o papel do orientador educacional na formação do aluno, sua importante contribuição para o equilíbrio entre o desenvolvimento acadêmico e cognitivo e o desenvolvimento emocional, social e moral do aluno. Temos uma matéria sobre as aulas-tema do Ensino Médio, palestras sobre temas diversos, complexos e atuais que contribuem para o pensamento crítico dos nossos alunos. Temos uma matéria sobre as Olimpíadas Sabin e o valor da socialização, da empatia, do respeito ao outro, do ver-se (e aceitar-se) no outro.

Matérias como essas ajudam a tornar mais claro, para todos, o nosso projeto de escola. E é por meio desse projeto – e pela adesão de todos os envolvidos a ele – que alcançamos resultados. Nossas conquistas são reflexo de uma escola que dialoga, que se reflete e que se avalia constantemente, diariamente, buscando caminhos para crescer sem perder raiz e para cumprir sua missão maior: oferecer uma educação de qualidade para nossas crianças e jovens!. E é isso, mais do que qualquer outra coisa, o que me enche de orgulho.



Giselle Magnossão
Diretora Pedagógica do Sabin
giselle@albertsabin.com.br



FAZENDO A DIFERENÇA

Mais uma festa junina, mais uma prova de que, quando muitos se dão as mãos em prol de uma causa, é possível fazer a diferença. Como em todos os anos, a Festa Junina do Sabin de 2014 foi mais do que uma celebração. Com o dinheiro arrecadado e as latas de leite em pó doadas, o Colégio presta apoio considerável a diversas instituições beneficentes, além de ter destinado todo o lixo reciclável recolhido no evento à Cooperativa Recicla Butantã,

que ajuda 25 famílias de baixa renda. Isso sem falar nos alunos do Projeto Voluntariado, que passaram a festa dando orientações ao público sobre o descarte correto do lixo. Lindo exemplo, pessoal!

Números da Festa Junina Sabin 2014

Público: **7.832** pessoas
Valor arrecadado: **R\$ 80.716,00***
Lixo recolhido: **732 kg** de material reciclável
Latas de leite doadas: **4.168** latas de leite Ninho®

* Convertido em doações de materiais às instituições parceiras. Confira quais são as instituições e demais ações socioambientais do Sabin no nosso site.

EXPEDIENTE Colégio Albert Sabin Ltda. Av. Darcy Reis, 1.901 – Pq. dos Príncipes – São Paulo – SP – Tel.: (11) 3712-0713 – www.albertsabin.com.br – Sabin Mais Cultura e Informação é o órgão de comunicação do Colégio Albert Sabin Mantenedores: Gisvaldo de Godói, Neusa A. Marques de Godói, Cristina Godói de Souza Lima Direção: Giselle Magnossão Marketing: Adriana Vaccari Colaboradores: Áurea Bazzi, Denise Araújo, Dionéia Menin, Giselle Magnossão, Laércio Carrer Diagramação e Arte: Giovanna Angerami Redação: Alexandre Bandeira Jornalista Responsável: Alexandre Bandeira MTb 49.431 Produção Gráfica: Ricardo Gomes Moisés Fotografia: Patricia Martins, Rodrigo Jacob Revisão: Adriana Duarte, Denise Aparecida Masson Impressão: Flor de Acácia Esta é uma publicação da Baraúna Comunicação – Tiragem de 5.000 exemplares – Distribuição gratuita – Setembro de 2014

Estamos todos aprendendo

Professor de Geografia reflete sobre como o jovem pode se informar antes de formar suas convicções políticas.

Em maio, o professor de Geografia **AUGUSTO OZORIO** não tinha nem seis meses de Sabin quando recebeu uma demonstração de que já havia se tornado um dos mais queridos dos alunos do Ensino Médio. Ele foi convidado para discursar na cerimônia de posse do grêmio estudantil e aproveitou a ocasião para falar da escola como espaço de “alfabetização política”, onde se tem o primeiro contato com o contraditório. É um tema caro ao professor, que costuma estimular reflexões em sala de aula sobre os processos de formação política dos indivíduos. Como tomamos nossas decisões? Com base em que informações e argumentos? Qual a importância de entendermos posições ideológicas não como ideais absolutos de certo ou errado, mas como concepções possíveis de uma mesma questão? Formado em Geografia e mestre em Metodologia do Ensino pela USP, doutorando em Educação pela pós-graduação da PUC-SP, Ozorio analisa, nesta entrevista, o debate político atual, demonstrando otimismo em relação ao rumo que a sociedade brasileira vem tomando, mesmo em meio a uma aparente radicalidade de opiniões. “Pode parecer que não, mas estamos crescendo.”



fontes. Nós, que não somos nativos digitais, achamos que o jovem já nasce sabendo fazer tudo na internet. Não é verdade. Nós aprendemos a ir atrás de informações confiáveis, ir às fontes primárias. Os alunos ainda não têm esse procedimento. Aí reside um perigo, mas a gente aprende com isso.

É difícil saber qual fonte é confiável quando, no debate político, cada lado – seja um partido, seja um veículo de comunicação – acusa o outro de mentir.

O que coloco para meus alunos é que eles precisam entender os mecanismos das ciências humanas. Nas ciências da natureza, procuramos repetições para identificar a verdade, uma lei geral. Mas, se procuramos leis gerais na sociedade humana, caímos em erro. O papel das ciências humanas é não naturalizar processos que são sociais. Precisamos enxergar que há diferentes posicionamentos, que a verdade não é absoluta. Para se posicionar, o jovem tem de identificar quais argumentos contemplam aquilo que ele acredita ser o melhor para o País, para a vida em sociedade.

Uma coisa é pensar em diferentes concepções do que seria o melhor para o País, outra coisa é pensar que o oponente quer, conscientemente, o pior.

Essa é a questão. Inclusive, é importante perceber que mesmo dentro dos grandes veículos de comunicação existem pessoas que pensam de maneira diferente. Em vez de pensarmos “tal veículo mente, tal veículo diz a verdade” – como se houvesse verdade absoluta –, temos de ter senso crítico. E ser crítico não é ser do contra, é usar critérios antes de se posicionar.

Você concorda que o debate está radicalizado demais?

Em anos de eleição, essas coisas se tornam um pouco exacerbadas. Mas acho que nisso também consiste um aprendizado. Não podemos esquecer que a nossa tradição democrática ainda é recente. Então, vejo que estamos crescendo nesse debate, embora pareça que não. Estamos entendendo o que significam os partidos, as ideologias. Estamos discutindo reforma política. Essa discussão é importante! Eu me preocuparia se as pessoas achassem que não há o que discutir.

As redes sociais vêm se tornando uma das principais fontes de informação. Que consequências você vê nisso?

A internet é uma ferramenta poderosa, mas é só uma ferramenta. Pensando na “geografia da internet”, muitas vezes visitamos os mesmos sítios, vamos aos mesmos lugares e encontramos as mesmas pessoas. Se reproduzimos nosso círculo de amigos na internet, acabamos consumindo sempre as mesmas ideias. Então existe um potencial real, mas também pode haver uma ilusão de informação.

Ainda não aprendemos a utilizar bem a diversidade de informações da internet?

Estamos todos aprendendo. Hoje é mais fácil veicular novas informações, mas aí reside outro risco: saber se as informações vêm de fontes confiáveis. E acho que a escola tem o papel de formar os alunos para que saibam procurar e verificar suas

As possibilidades do ensino

Computador, projetor, *tablets* e aplicativos entram na rotina escolar dos pequenos do Fundamental I.



Ninguém teria acreditado, nos últimos anos do século XX, que para observar corpos celestes já não seria preciso condições meteorológicas favoráveis. Hoje, uma criança pode apontar um *tablet* para qualquer ponto a sua volta, em qualquer hora do dia, de qualquer lugar, e saber onde se encontram o Sol, a Lua, os planetas e o que mais procurar no Universo. Foi o que fizeram os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental do Sabin, no primeiro semestre de 2014, como parte da preparação para a Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica (OBA), realizada em maio. Em anos anteriores, o Colégio tinha por prática realizar observações noturnas com os 5ºs anos, mas sempre havia o risco de pouca visibilidade. A partir deste ano, não há mais tempo ruim: munidos de *tablets* com o

aplicativo *Sky Map*, os jovens astrônomos podem enxergar o mapa celeste até dentro da sala de aula.

O *Sky Map* é apenas um exemplo de como as novas tecnologias digitais podem contribuir para o ensino – e de como o Sabin vem se beneficiando cada vez mais delas. “Os professores estão começando a vislumbrar tudo o que podem fazer”, diz o professor de Informática e assessor de Tecnologia Educacional do Colégio, **Paulo Fontes**, um dos responsáveis pela gradativa evolução tecnológica do Sabin. “Meu papel é municiá-los de recursos e sugerir meios de melhorarem suas aulas.”

No Fundamental I, os *tablets* já haviam sido introduzidos na rotina escolar desde o início do ano. Agora, o segundo semestre trouxe outra novidade para os alunos do ciclo: todas as salas de aula estão equipadas com compu-

tador, projetor, tela e sistema de som. E, assim como acontecia no Fundamental II e no Médio, que já contavam com a mesma estrutura, as possibilidades pedagógicas se multiplicaram.

Em primeiro lugar, um computador em cada sala permite às professoras do ciclo planejar melhor e com mais liberdade o uso de recursos multimídia em suas aulas. “Antes, tínhamos uma estação móvel, com computador, projetor e som, por andar do prédio. Era preciso agendar quando cada professora poderia usar. Agora, elas já podem contar com esses recursos sempre à disposição quando elaborarem o planejamento de aulas”, diz a coordenadora pedagógica **Dionéia Menin**. Os conteúdos ensinados deixam de ser limitados à lousa, aos livros ou à exposição da professora. Agora, qualquer aula pode incluir consultas à internet ou exibição de vídeos *on-line*, por exemplo (a própria coleção de livros didáticos dispõe de material multimídia).

Além do equipamento em sala, o Fundamental I também conta com uma estação móvel com 40 *tablets* à disposição, que vêm sendo usados em diversos projetos desenvolvidos no ciclo. E as vantagens já se fazem notar.

É o caso do jogo “O Mistério dos Sonhos”, criado pela empresa de tecnologia educacional Xmile Learning, que está sendo usado no 2º ano do Sabin. Com um enredo divertido que envolve criaturas míticas, como fadas, magos e duendes, o jogo apresenta uma série de desafios baseados em conteúdos interdisciplinares (por exemplo, identificar padrões lógicos, colocar palavras em ordem alfabética, fazer operações matemáticas simples). Além de despertar o interesse do aluno devido à linguagem de *game*, é uma plataforma adaptativa, que permite o aprendizado individualizado, no ritmo de cada criança. “A ferramenta permite às professoras acompanhar a evolução de cada aluno

Alunos do 5º ano do Ensino Fundamental com *tablets*: aulas na palma da mão.

no jogo, para identificar quem encontrou mais dificuldades (por exemplo, quem precisou de mais tentativas e erros para resolver um desafio) e em quais conteúdos. Isso dá base para intervenções mais pontuais e acertadas, otimizando o tempo da aula”, diz Paulo Fontes. “De modo geral, a individualização do aprendizado é uma das maiores vantagens que as tecnologias digitais oferecem ao professor.”

Outra grande vantagem é a possibilidade de simulações que aproximam teoria e prática de uma forma impenável há até bem pouco tempo, caso do já citado *Sky Map*, ou do aplicativo *Essential Skeleton 4*, que vem sendo utilizado nas aulas de Ciências do 3º ano. Basicamente, trata-se de uma imagem tridimensional do esqueleto humano que cada aluno pode examinar por todos os ângulos, aproximando a visão até o menor ossinho e articulação, percebendo os diferentes formatos e porosidades. Compare-se a mesma aula equipada apenas com fotos e uma réplica de plástico do esqueleto, e ficam claros os benefícios do novo modelo.

Segundo Paulo, há ainda outro ponto positivo que vai além do conteúdo de cada disciplina. “As tecnologias digitais ainda fazem parte do dia a dia dos jovens mais como ferramentas de lazer e de interação social do que de estudos. Isso é natural, vivemos uma fase de transição. Mas podemos começar a estimular, desde cedo, uma nova mentalidade, que enxergue nesses recursos muitas outras funcionalidades.” O professor faz questão de ressaltar que a introdução de tais recursos nas salas de aula, do Fundamental ao Ensino Médio, ainda é um projeto em desenvolvimento. Mas não esconde o otimismo. “São experiências-piloto, estamos avaliando o que funciona. Mas o interessante é que a maioria de nossos receios – por exemplo, de que a tecnologia daria mais trabalho ao professor – estão indo por água abaixo.”



A NATUREZA DA ARTE

Se há uma regra que a História da Arte ensina é que não há regras na História da Arte. Do naturalismo ao abstrato, do clássico ao conceitual, de tempos em tempos, a humanidade vê artistas transgredirem fórmulas estabelecidas – só para, mais adiante, serem eles mesmos contestados em sua posição de cânone. No Sabin, manter-se aberto à liberdade artística é aprendizado que se dá cedo, na Educação Infantil. É o caso de um projeto do Pré II que vai munir os alunos de formigas, besouros e lacraias (de borracha) para fazerem arte. A inspiração veio da artista canadense Jennifer Angus, que cria padrões caleidoscópicos com insetos, como explica a professora de Artes **Roberta Moretti**. “Neste ano, já trabalhamos a representação do corpo humano. Agora, o tema são animais, retratados pelo homem desde a pré-história até os dias de hoje, chegando a essa proposta inusitada em que o animal é a matéria-prima. Queremos passar a noção de que existem várias possibilidades de expressão artística”. Cada aluno vai montar um padrão de criaturinhas sobre uma folha de papel – no processo, aprendendo noções de simetria, bi e tridimensionalidade – e o registrar numa foto digital. O padrão será, então, desfeito, o que também faz parte da lição. “É bom refletir que, apesar do paradigma clássico, a arte também pode ser efêmera, não precisa durar para sempre”, diz Roberta.

Somos todos ouvidos

No orientador educacional, os alunos têm o apoio de um profissional que olha para as demandas e para a situação de vida de cada um, individualmente.

De voz mansa e expressão serena, **Marcelo Krokosczyk** tem um rosto amigável. A aparência jovial se une a uma atitude ponderada, de quem sabe ouvir antes de falar e decide com cuidado as palavras que usa. O conjunto causa uma impressão que, para o cargo que ocupa, é muito bem-vinda. Marcelo passa confiança e acolhimento. Para quem acaba de ser contratado como novo orientador educacional do Ensino Fundamental do Sabin, isso é um ótimo sinal.

Há cerca de dois meses, alunos e pais do segundo ciclo do Fundamental (do 6º ao 9º ano) foram apresentados a Marcelo, que passa a dividir com **Viviane Direito** as tarefas da orientação educacional. Até 2012, o cargo era chamado de “assistente de coordenação”. Viviane, que está no Sabin desde 2010, fala por experiência própria como a mudança de título ajudou a tornar mais claro para todos o papel que ela e Marcelo desempenham.

“É mais do que uma mudança de nomenclatura, é quase uma mudança de paradigma”, diz Viviane. “Antes, as famílias nos percebiam como profissio-

nais que, *na ausência do coordenador*, assistiam no atendimento.” Orientadores educacionais, por outro lado, são educadores. E, portanto, fundamentais para o desenvolvimento global do aluno.

O que faz um orientador educacional, afinal? Segundo o coordenador pedagógico do Fundamental II, **Laércio Carrer**, enquanto a Coordenação tem um olhar mais abrangente, que assegura que equipe e projetos implementados sigam um mesmo rumo pedagógico, os orientadores educacionais têm uma atenção mais individualizada sobre cada aluno. Representam, assim, um apoio valioso ao professor e uma via de estreitar o relacionamento do Colégio com as famílias. “O papel do orientador é voltado

Viviane e Marcelo, orientadores educacionais do Fundamental II: confiança e acolhimento para alunos que precisam enfrentar dificuldades.

para o desenvolvimento da criança e do adolescente individualmente: ele identifica demandas específicas do aluno e procura atendê-las da melhor forma”, diz Laércio.

“Como regra geral, nosso propósito é ajudar os alunos a avançarem do estágio em que se encontram em direção a maior autonomia, maturidade e disciplina”, diz Viviane, citando, como exemplo, o roteiro de orientações do projeto Postura de Estudante, distribuído entre turmas no início do Fundamental II, para promover atitudes e competências estratégicas, como o uso da agenda escolar ou o estabelecimento de uma rotina de estudos. “Porém, cada caso é um caso. Precisamos ter o cuidado de conhecer a situação de vida e o momento de consciência de cada jovem.”

É nesse ponto que se faz tão necessário, para o orientador, criar com os alunos – e com os familiares – um ambiente de diálogo, confiança e acolhimento. “Para as gerações mais velhas, existia um estigma de que ‘ir para a coordenação’ era coisa de ‘alunos-problema’. É muito importante quebrar isso, deixar claro para alunos e familiares que nossa intenção é cooperativa”, diz Marcelo.

“O atendimento individualizado não é punição, é apoio para o aluno lidar com demandas mais agudas.”

Demandas estas que podem ser de ordens diversas, como pontua Marcelo: “Na dimensão moral e emocional, auxiliamos o aluno em questões de ordem disciplinar e comportamental; por exemplo, conversamos sobre a importância de determinadas regras, como a proibição do uso do celular em sala ou a obrigatoriedade do uniforme. Na dimensão acadêmica e cognitiva, tratamos de dificuldades do desempenho do aluno ou de sua rotina de estudos”. Porém, o fundamental, diz o orientador, é perceber como as duas dimensões se complementam. “O desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento emocional são interdependentes. Para ser competente intelectualmente, é preciso autonomia emocional e moral.”

Viviane resume o ponto do colega com um exemplo prático: “O jovem maduro e autônomo não estuda porque é obrigado a estudar, mas porque percebe que estudar é bom para ele. Seu desenvolvimento emocional faz melhorar o seu rendimento naturalmente”.

PERFIL MARCELO KROKOSZYK

- Orientador Educacional do Ensino Fundamental II (do 6º ao 9º ano), ao lado de Viviane Direito.
- Formado em Pedagogia, Filosofia e Teologia.
- Mestrado e Doutorado em Educação pela USP.
- Atua na área desde 1998, tendo experiência com alunos de diversas faixas etárias: já lecionou Filosofia para a Educação Infantil, hoje é também professor de Metodologia da Pesquisa na Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (Fecap).

“Já conhecia o Sabin há algum tempo: os resultados acadêmicos do Colégio são públicos e notórios. Mas só agora, acompanhando de dentro o trabalho de toda a equipe, vejo que esses resultados não são fortuitos. Tenho grande admiração pelos profissionais daqui e muito o que aprender com eles.”



VENCENDO CAMBRIDGE

O primeiro certificado as gêmeas **Beatriz e Helena Toro** já têm. Elas foram aprovadas, em junho, no FCE (*First Certificate in English*), primeiro dos exames de proficiência em Inglês da Universidade de Cambridge. É importante conquista, mas não será suficiente para as irmãs, que têm como próxima meta passar no CAE (*Certificate in Advanced English*), o segundo nível de avaliação. Tempo para isso elas terão, já que ainda estão no 9º ano do Fundamental e contarão com mais três anos de apoio do Sabin na preparação para os exames. Segundo a coordenadora de Inglês, **Denise Araújo**, casos como o de Beatriz e Helena vêm se tornando mais frequentes, com estudantes sendo aprovados mais cedo: “Hoje, concluir o Médio com duas certificações já é considerado bastante possível”. Ela explica que a universidade inglesa tem adaptado suas provas para uma realidade mais jovem: “Em vez de o aluno redigir uma carta de solicitação de emprego, por exemplo, ele solicita uma vaga num acampamento”, diz Denise. Como resultado, nunca o Sabin teve tantos alunos se candidatando – e sendo aprovados – no CAE ou no CPE (*Certificate of Proficiency in English*). E, se depender de Beatriz e Helena, os desafios de Cambridge têm tudo para ser *piece of cake*.

45 aprovados em
junho de 2014
FCE: 29 • CAE: 14 • CPE: 2



Tardes de debate e reflexão

Palestras às quartas-feiras agradam aos alunos por estabelecer pontes entre o que aprendem e o que acontece no mundo.



Não é sempre que podemos ver, com tanta clareza, a História acontecer ao vivo. Na tarde de 7 de maio deste ano, um grupo de alunos do Ensino Médio assistiu a uma palestra, no Anfiteatro Picasso, sobre os conflitos entre movimentos separatistas (apoiados pela Rússia) e o governo ucraniano, alinhado às forças políticas do Ocidente (Estados Unidos e União Europeia). O palestrante convidado pelo Sabin, o professor de Geografia do colégio e curso Poliedro **Rogério Silveira**, apresentou um panorama abrangente da crise, iniciada no fim de 2013 e agravada pela deposição do ex-presidente Viktor Yanukovyts (em um golpe de estado ou vitória nacionalista, a depender do ponto de vista) em fevereiro de 2014.

A complexidade do tema não intimidou os alunos, e a atualidade dos acontecimentos conferiu à palestra uma sensação de relevância real e imediata. Nas semanas seguintes, aqueles alunos e o mundo assistiram ao desenrolar da crise: declarações de independência de regiões do leste ucraniano, novos conflitos, a eleição de um novo presidente, a misteriosa derrubada de um avião civil, a determinação de um cessar-fogo ainda instável.

Entre os alunos, estava **Larissa Maria Perez**, da 2ª série D, que, mesmo meses depois, ao relembrar a palestra, demonstra a excitação natural de quem testemunha a História sendo escrita. “Achei sensacional o *timing* do Sabin em escolher aquele tema! Fiquei tão empolgada que tive de mandar um *e-mail* para o professor Rogério para elogiar”, diz a jovem, que estende os elogios às demais palestras que têm ocupado as tardes

de quarta-feira do Ensino Médio. “Em geral, essas aulas se aprofundam num tema, mas também são horizontais, para você enveredar pelo aspecto que achar mais interessante.”

As aulas-tema são uma inovação na estrutura do Módulo Especial de Aprofundamento, posta em prática no início do ano. Para aliviar um pouco a carga de compromissos dos estudantes, as quartas-feiras passaram a ser facultativas; em vez de aulas regulares do Módulo, os alunos têm a oportunidade de assistir, se quiserem, a palestras sobre temas os mais diversos, da crise na Ucrânia aos grandes números do universo. O resultado foi melhor do que o esperado: os alunos querem assistir às aulas – a Coordenação estima uma média de 70 a 80 pessoas por aula –, e não apenas os da 3ª série, público-alvo original da iniciativa, mas também os da 1ª e da 2ª série, como é o caso de Larissa.

“Acho muito boa a iniciativa da escola”, diz **Alexandre de Almeida**, da 1ª série C. “É a oportunidade de aprendermos sobre temas que podem fazer a diferença no vestibular, ou que nos interessam, mas [nos quais] nem sempre podemos nos aprofundar nas aulas.” Alexandre ainda tem dois anos até o seu vestibular, mas a hora já chegou para **Claire Cristina Carvalho**, da 3ª B. Apesar disso, assim como o jovem, ela também enxerga mais do que vantagens imediatas nas palestras: “Eu visualizo três pontos importantes nessas aulas”, diz a garota. “O primeiro é o da conscientização, de sabermos o que está acontecendo no mundo. O segundo é o da politização, de termos argumentos para tomar posição sobre o que está acontecendo. E o terceiro é o

Em sentido horário, Alexandre de Almeida, Claire Cristina Carvalho, Mariana Amaral e Larissa Maria Perez: novas perspectivas sobre atualidades.



benefício prático de termos bases para a redação no vestibular.”

A escolha dos temas e a abordagem adotada pelos palestrantes comprovam as palavras de Claire. Se por um lado a Coordenação se mostra atenta com questões expressivas da atualidade – os conflitos ucranianos, o debate sobre a matriz energética do País ou o novo plano diretor de São Paulo –, por outro há também o cuidado de apresentar múltiplos pontos de vista. “Tivemos duas palestras sobre a crise econômica de 2008, uma com um palestrante de linha liberal, do Insper, outra de viés mais intervencionista”, diz Claire. “Com este eu concordava bastante, mas é importante ouvir o outro lado. Até para perceber falhas na argumentação contrária.”

A palestra do professor de Geografia do Sabin Augusto Ozorio, sobre transporte público em São Paulo, foi outra que marcou pelo caráter dialético, motivando discussões sobre as possibilidades e as restrições de se ampliarem corredores de ônibus e linhas de metrô em São Paulo. Os argumentos apresentados relacionavam a capacidade de carga com a estrutura geológica do subsolo paulistano. “Isso é interessante”, nota **Mariana Amaral**, da 3ª D. “As palestras dialogam com os temas das nossas aulas. Por exemplo, o que sabemos sobre rochas faz a diferença numa discussão sobre o metrô. Uma lição sobre a meia-vida do urânio tem a ver com energia nuclear. A gente sente o propósito de aprender.”

“Eu fico orgulhosa em ver como eles são preparados para discutir esses assuntos tão ricos”, diz a coordenadora do Médio, **Áurea Bazzi**. A opinião não é só dela, como comprova o palestrante convidado **Luis Antônio Terremoto**, do Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares: “Embora a compreensão do tema central (energia nuclear) requeira um nível de conhecimento razoável de Física e Química – que, infelizmente, não costumam ser muito populares entre a juventude brasileira –, o público presente mostrou-se atento e interessado, fazendo diversas perguntas pertinentes ao final”, afirmou, por *e-mail*, o pesquisador.

INVESTIMENTO DE SUCESSO

O último sábado de julho foi intenso para cinco alunos do Ensino Médio. Eles disputaram uma das eliminatórias do Desafio BM&FBOVESPA, competição interescolar que acontece todo ano na sede da Bolsa de Valores de São Paulo*. Esta é a oitava vez que o Sabin participa – e a primeira que fica entre os finalistas, com a equipe conquistando o 3º lugar e uma posição na final, em novembro. No desafio, cada equipe atua como uma gestora de ações em rodadas-relâmpago de investimento. Em cada rodada, são apresentados um cenário macroeconômico e informações sobre empresas de diversos setores: cosméticos, siderurgia, varejo, etc. Em dez minutos, é preciso interpretar textos e gráficos para avaliar se o cenário está propício para o setor X, se a mudança de diretoria afetará as ações da empresa Y, entre outros dados, para decidir onde investir. “O ritmo é frenético, agonizante”, diz **Larissa Maria Perez**. O trabalho em grupo é fundamental: “Temos integrantes melhores para interpretar gráficos, outros para textos, outros para analisar cenários”, diz **Paula Coelho**. Para **Francisco Luiz Grasso**, o jogo é “uma oportunidade singular de ter contato com a Economia”. Seu colega de equipe **Victor Ennes** concorda: “Hoje, sou capaz de abrir o caderno de Economia do jornal e entender o que está escrito. Esse conhecimento é útil para qualquer carreira”. Mais que isso, diz **Bruna Amaral**, “entender como a Economia funciona amplia seu repertório, sua visão de mundo, faz de você um cidadão mais completo”.

Bruna, Francisco, Paula, Victor e Larissa: finalistas na Bovespa.



*Desde 2008, chamada de BM&FBOVESPA.

O prazer do esforço

Fazendo jus ao espírito olímpico, a XIII Olimpíada Sabin celebra a boa competição e a integração entre os alunos.

Originalmente, Olimpíadas não eram lugar de atletas profissionais. Criados em 1896 pelo pedagogo e historiador francês Pierre de Frédy, o Barão de Coubertin, os Jogos Olímpicos modernos recuperavam uma tradição da Antiguidade grega para promover, por meio do esporte, não a competição, mas a integração entre os homens. Em teoria, participariam do evento apenas atletas amadores, indivíduos que se destacavam em suas habilidades físicas sem receber nenhum salário ou compensação por isso – cuja única motivação derivasse puramente de uma filosofia de vida baseada no “prazer do esforço, no valor pedagógico do bom exemplo e no respeito a princípios éticos universais fundamentais”. Interessava menos que os atletas tentassem superar uns aos outros e mais que procurassem superar a si próprios, elevando, coletivamente, o espírito humano. A vitória de um representaria a vitória de todos.

Mais de um século depois, a visão do Barão de Coubertin permanece. A integração entre os cinco continentes ainda é sinalizada pelos cinco anéis entrelaçados. O lema olímpico – *Citius Altius Fortius* – ainda diz “mais rápido, mais alto, mais forte”, e não “o mais rápido, o mais alto, o mais forte”, o que é crucial. O mais importante ainda é competir. São todos esses valores – integração, superação, participação e elevação do espírito – que o Sabin quer colocar em primeiro plano na 13ª edição de suas Olimpíadas Estudantis.

“As Olimpíadas Sabin sempre foram um momento muito gostoso na história do Colégio, o ponto máximo de confraternização entre os alunos”, diz **Cristina Godoi**, mantenedora do Sabin. “Mas foram tomando uma proporção que passou a demandar uma logística supercomplexa, o que talvez comprometesse o foco nos valores essenciais que queremos promover.”

Simplificar para melhorar é uma ideia que já há algum tempo vem modificando o evento, que acontece a cada dois anos. Se antes o Colégio inteiro parava durante uma semana para se dedicar às Olimpíadas, edições mais recentes mantiveram o funcionamento das demais atividades, até em respeito aos alunos não interessados em se engajar na festa – integração, afinal, é um valor que pode ser estimulado, não exigido.

Entre as mudanças implementadas neste ano, duas vão na linha da simplicidade. A primeira é a decisão de não fornecer camisetas para todos os alunos nas cores de suas respectivas equipes (amarelo, azul, verde ou vermelho), o que demandava tirar medidas e produzi-las com semanas de antecedência; os novos uniformes olímpicos são coletes em tamanhos padronizados. A segunda mudança é a decisão de só premiar com medalhas atletas até o 4º ano do Fundamental, para adequar o aprendizado sobre ganhar e perder a cada faixa etária. Cristina explica: “Até o 4º ano, as crianças valorizam ganhar medalhas, independentemente se de ouro, prata ou bronze. O mais importante e divertido para elas é ter uma medalha. Já para os alunos mais velhos, a classificação faz diferença, e a medalha exacerba essa diferença”, diz a mantenedora. “Queremos manter a essência do brincar e do competir no bom sentido.”

No geral, entretanto, a XIII Olimpíada Sabin continua a mesma em estrutura e funcionamento. Novamente o Colégio se divide em quatro grandes equipes, das quais participam alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio. Novamente, esse contato entre alunos de turmas e faixas etárias diversas estimula uma socialização preciosa, com todos colaborando para alcançar, juntos, os melhores resultados. Novamente a autonomia dos alunos é estimulada, já que é toda deles a responsabilidade pela organização das equipes em torno de um mesmo

valor (são os alunos que determinam os lemas de suas equipes, confeccionam bandeiras, elaboram coreografias para apresentar na abertura, criam gritos de guerra). Novamente a alegria e a empolgação das torcidas são recompensadas com pontos no placar geral do evento.

“Sem dúvida, é a grande festa da escola”, diz

Paulo Rogério Vieira, professor de Educação Física e de Iniciação Esportiva e técnico de vôlei do Sabin, um dos profissionais que coordenaram essa edição da Olimpíada. Paulo Rogério, aliás, assim como os demais professores de Educação Física e de modalidades esportivas do Sabin, teve neste ano envolvimento dobrado com a organização do evento, reflexo de mudanças no departamento de Esportes&Cultura que trouxeram consequências também para outros momentos do cotidiano escolar (veja quadro ao lado). **Bruna De Féo**, ex-aluna

do Sabin que, hoje, é professora de Nataçao e de Iniciação Esportiva, teve a oportunidade de acompanhar de perto o cuidado que seus colegas dedicaram para que as Olimpíadas Sabin promovessem valores. “Eu não tinha noção, como aluna, do grau de reflexão dos professores para que as Olimpíadas tivessem um sentido maior do que a competição e o entretenimento puro”, diz.

É o mesmo sentido proposto, há mais de cem anos, por um barão entusiasta das virtudes do esporte e do “prazer do esforço”. E que, não por acaso, era, acima de tudo, um educador.



Ilustração por
Laura Stefania Oliveira
Chaim, 4º ano F

Estreitando laços

Mudanças no departamento de Esportes&Cultura aproximam professores, pais e alunos.

Pais e alunos participantes do Programa Sabin+Esportes&Cultura já devem ter sentido, desde o início do ano, um estreitamento no relacionamento que mantêm com professores e técnicos de modalidades esportivas do Colégio. Pela nova estrutura do departamento, os professores passam a dividir mais com a Coordenação a interlocução com as famílias, o que traz para eles um *feedback* mais frequente e direto que tem sido bastante positivo para o trabalho de todos. **Daniela Nakayama**, professora de Educação Física e de Iniciação Esportiva, nota que “as famílias têm se sentido mais à vontade para falar conosco, para saber o que estamos fazendo no dia a dia”, e que isso lhe permite responder mais prontamente às dúvidas e demandas de pais e

estudantes. “Nosso planejamento está mais orgânico, porque o diálogo entre a equipe também está maior”, acrescenta **Marcelo Eduardo Nunes**, também professor de Educação Física e Iniciação Esportiva. “Podemos elaborar melhor, entre nós, um plano de trabalho que seja desenvolvido ao longo das séries e faixas etárias.” A mudança no departamento, completa Daniela, “representou, para nós, professores, uma oportunidade de repensar nosso trabalho e redobrar nosso empenho”. Já na preparação para as Olimpíadas, diz Paulo Rogério Vieira, ao se intensificar a participação da equipe, os professores tiveram “a chance de ver os ensinamentos sobre o valor da boa competição sendo postos em prática pelos alunos. Isso é muito gratificante”.



Isabella Presta é aluna da 2ª série B do Ensino Médio e autora desta matéria

Aprender para ensinar

Alunos da 2ª série do Médio encaram responsabilidade de alertar os mais jovens sobre riscos das drogas.

“**N**ão use drogas, elas fazem mal. Fique longe das más influências.” Esses são exemplos de frases que grande parte dos adolescentes já ouviu dos familiares durante discussões. Nesses momentos, as palavras ouvidas podem ser facilmente ignoradas, o que faz com que a mensagem não seja passada, por mais que a pessoa que a falou tenha tido a melhor das intenções. Tentando evitar a desconsideração dos jovens, a ideia da coordenação pedagógica do Ensino Médio foi: “Por que não colocar alguém que os alunos com certeza vão ouvir?”

Com essa intenção, os alunos da 2ª série do Ensino Médio foram convidados a dar palestras sobre os riscos das drogas para os alunos do 9º ano do Fundamental. As apresentações foram feitas nos dias 27 e 29 de agosto, no Anfiteatro Picasso, durante a Semana Sabin. Essa semana visa conscientizar os alunos sobre questões de saúde. Todo ano, os alunos da 2ª série fazem um trabalho sobre drogas, porém as palestras eram limitadas aos colegas da própria série; neste ano, as apresentações foram avaliadas, e quatro grupos foram escolhidos para se apresentar, junto à coordenadora Áurea, aos alunos do 9º ano. Os grupos selecionados falaram sobre Tabaco, Drogas de balada, Álcool e, por fim, o grupo do qual fiz parte, Maconha (veja no quadro os integrantes de cada grupo).

Durante as palestras, era possível sentir o nervosismo na fala de cada um dos palestrantes. Creio que isso aconteceu porque todos sentimos a responsabilidade colocada sobre nós: naquele momento, em cima do palco, nós éramos o exemplo, éramos aqueles que

iriam passar uma mensagem relevante. O projeto não foi importante apenas para os alunos que ouviram a palestra, mas também para aqueles que o apresentaram. Tivemos a oportunidade de nos aprofundar no assunto e descobrir novas perspectivas.

Aprendemos, com a nossa pesquisa, que existem muitos mitos sobre a maconha, como, por exemplo, que ela poderia ser a cura para o câncer. Aprendemos que o narguilé, bastante comum entre alguns jovens, é pior do que o cigarro. Com o grupo das drogas de balada, descobrimos que o LSD fica armazenado no sistema nervoso central, podendo causar efeitos mesmo após anos de sua ingestão. Já o grupo do álcool conscientizou a plateia sobre como o abuso de álcool não afeta apenas o dependente, mas todos a sua volta.

“Não tem preço passar uma mensagem que pode mudar a vida de alguém”, disse a aluna da 2ª série B **Renata Moniz**, mostrando que sentiu um crescimento pessoal. “Um trabalho diferente de todos os outros, tem um fundo educativo para ambos os lados”, classificou **Isabela Suzuki**, da 2ª C. Na plateia, a aluna do 9º ano A **Luiza Mastrullo** acrescentou: “O fato de serem alunos praticamente da nossa idade tira a formalidade da palestra e faz com que os termos sejam mais compreensíveis. Grande parte das vezes, quando profissionais explicam um termo, os alunos se olham e não entendem; como os alunos da 2ª série já estiveram no nosso lugar, sabem a maneira de ser compreendidos”.

Devo dizer que essa experiência mudou o pensamento de todos os envolvidos. Espero que não sejamos os únicos a ter esse privilégio.

OS TEMAS E OS PALESTRANTES



ÁLCOOL (2ª série C)

- Gabriela Maeda
- Isabela Suzuki
- Lucas Almeida
- Marco Serra
- Pedro Panse



DROGAS DE BALADA (2ª série D)

- Daniel Garcia
- Felipe Rubello
- Leonardo Trigo
- Victor Miranda



MACONHA (2ª série B)

- Isabella Presta
- Julia Cecato
- Juliana Garcia
- Luis Fernando Biedermann
- Renata Moniz



TABACO (2ª série D)

- Caio Belarmino
- Enzo Camargo
- Felipe Rebelo
- Matheus Belarmino
- Pedro Pacola